

# O ensino da organização lógica da narrativa: uma comparação entre conto de fadas e notícia

Adriana Tavares Maurício Lessa  
Carla da Glória Corrêa Senra

**Resumo:** O objetivo geral deste artigo é discutir o ensino da organização lógica da narrativa. Tomamos como questão problema a transferência de marcas típicas do conto de fadas (“era uma vez” e “fim”) que os estudantes realizam em sua produção escrita. Por isso, os objetivos específicos são: (1) promover uma análise pedagógica dessa transferência das marcas de abertura/fechamento do conto de fadas para outros gêneros textuais e (2) comparar a organização lógica da narrativa no conto de fadas e na notícia. Para tanto, propomos uma análise dos princípios e procedimentos relacionados aos modos de organização Descritivo e Narrativo, associando-os às categorias linguísticas típicas dos planos de Figura e Fundo. Analisamos: (a) o conto de fadas, quanto ao Descritivo, como genérico, impreciso, subjetivo e ficcional; quanto ao Narrativo, como uma cronologia progressiva linear e contínua; e (b) a notícia, quanto ao Descritivo, como específica, detalhista, objetiva e realista; quanto ao Narrativo, como uma inversão cronológica, através dos procedimentos de condensação e expansão. Além disso, defendemos práticas pedagógicas que privilegiem o reconhecimento da organização discursiva das categorias linguísticas por parte do estudante como estratégia para desenvolvimento de suas práticas de leitura e escrita.

**Palavras-chave:** narrativa; modos de organização do discurso; conto de fadas; notícia

## **The teaching of the logical organization in narratives: a comparison between fairytales and news**

**Abstract:** The main goal of this paper is to discuss the teaching of the logical organization in narratives. We take as a problem issue the transference of typical marks from fairytales (‘once upon a time’ and ‘the end’) that students make in their written production. So, the specific goals are: (1) to promote a pedagogical analysis of this transference of opening/closing marks from fairytales to other text genres and (2) to compare the logical organization of the narrative in fairytales and in news. Therefore, we propose an analysis of the principles and

procedures related to the Descriptive and Narrative discursive organization, associating them to the linguistic categories typical in backgrounds and foregrounds. We analyze: (a) fairytales, in terms of the Descriptive, as generic, imprecise, subjective and fictional; in terms of the Narrative, as a linear and continuous progressive chronology; and (b) the news, in terms of the Descriptive, as specific, detailed, objective and realistic; in terms of Narrative, as an inverted chronology through procedures of condensation and expansion. Besides, we defend pedagogical practices that privilege the recognition of the discursive organization of linguistic categories by the students as a strategy to develop their reading and writing practices.

**Keywords:** narrative; discourse organization; fairytales; news

## Considerações iniciais

O presente artigo representa uma tentativa de se lançar sobre o desafio de como manter, do ponto de vista teórico-prático, um ensino de língua com orientação discursivo-comunicativa sem negligenciar o ensino gramatical sistematizado, conforme Gerhardt (2017, p. 71). Essa iniciativa surge da constatação de que os alunos, em suas produções de texto, ou utilizam a marca de abertura “era uma vez” e a de fechamento “fim” ou questionam à professora se assim podem fazê-lo. Conforme Senra (2019) indica, isso ocorre independentemente do gênero textual que esteja sendo trabalhado e a despeito das constantes orientações fornecidas pela professora ao longo do ano.

Portanto, questiona-se por que os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental continuam se respaldando nas marcas de abertura e fechamento do gênero conto de fadas em suas práticas linguísticas com textos dissertativos. Como a tentativa pedagógica de levar os alunos a automatizar o comportamento de exclusão dessas expressões na sua prática escrita não se mostrou eficaz, analisam-se os recursos linguísticos que poderiam ser sistematizados a fim de amparar o estudante no processo de tomada de consciência acerca de outros modos de organização linguística do discurso que refletem a progressão textual.

Sendo assim, este artigo tem por objetivo geral discutir o ensino da organização lógica da narrativa. Para cumprir esse empreendimento, assumimos dois objetivos específicos: (1) promover uma análise pedagógica dessa transferência das marcas de abertura/fechamento do conto de fadas para outros gêneros textuais e (2) comparar a organização lógica da narrativa no conto de fadas e na notícia.

A escolha por esses gêneros textuais em específico revela-se pedagogicamente estratégica por dois motivos. Em primeiro lugar, ambos representam gêneros textuais a que os estudantes já foram ou são expostos em sua vivência leitora nas diferentes esferas sociais. Além disso, a notícia de jornal, apesar de ser veiculada na forma escrita, encontra-se em uma posição intermediária no *continuum* da relação fala-escrita, proposto por Marcuschi (2010). Isso torna menos custoso o reconhecimento da organização lógica da narrativa.

Em segundo lugar, destacamos que, apesar de serem gêneros textuais distintos, apresentam semelhanças organizacionais. Assim como o conto de fadas, o gênero notícia é constituído pelos modos de organização narrativo e descritivo. No entanto, conforme será evidenciado, esses modos de organização se manifestam linguisticamente de forma diferente em cada um dos gêneros.

Esperamos, então, explorar esses pontos de divergência e semelhança entre os gêneros textuais para auxiliar professores a estimularem o reconhecimento da progressão de fatos pelos estudantes para fins tanto de leitura quanto de escrita. Por meio desse enfoque, acreditamos ser possível contribuir com o processo de transição do maior contato dos estudantes com os gêneros predominantemente narrativos ficcionais nos anos iniciais do Ensino Fundamental para o contato maior com gêneros predominantemente dissertativos no Ensino Médio.

Portanto, o presente artigo se organiza em três seções, organizadas de modo a guiar a análise da situação-problema conforme o tópico sob escrutínio. Na primeira seção, a fim de fundamentar a análise proposta, esclarecemos confusões comuns entre modos de organização do discurso, gêneros textuais e categorias de língua, apresentando, ainda, a proposta de planos de Figura e Fundo. Na segunda seção, apresentamos e comparamos as características dos modos de organização descritivo e narrativo, que permeiam os gêneros textuais conto de fadas e notícia. Na terceira seção, debatemos os princípios de organização da lógica narrativa e como os procedimentos referentes a esses princípios se manifestam nos gêneros textuais analisados. Por fim, nas considerações finais, resumimos os pontos destacados na análise da transferência das marcas de abertura e fechamento que os alunos realizam na produção de dissertações; consolidamos os principais aspectos da organização lógica da narrativa nos

gêneros textuais conto de fadas e notícia e apontamos possibilidades pedagógicas para lidar com o quadro analisado.

## 1. Linguagem e modos de organização do discurso

O presente estudo tem o cuidado de explorar, principalmente, a relação entre os modos de organização do discurso e categorias de língua, não desconsiderando, no entanto, pontos referentes ao texto e à situação de comunicação. Fica claro que comunicar não se resume ao ato de transmitir uma informação, pois os processos de concepção e de compreensão estão vinculados aos processos de produção de linguagem e há uma relação de reciprocidade estabelecida entre pensamento e linguagem.

Ao refletirmos acerca do discurso e da comunicação, faz-se necessário pensarmos nos participantes desse ato de comunicação, que seria um dispositivo. Nesse caso, temos o sujeito falante/escrevente ocupando a posição central - ele seria o locutor que fala ou escreve - a algum outro parceiro - que seria o interlocutor que escuta ou lê. Nota-se que os componentes desse dispositivo possuem a seguinte divisão:

- a **Situação de comunicação** que constitui o enquadre ao mesmo tempo *físico* e *mental* no qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma *identidade* (PSICOLÓGICA E SOCIAL) e ligados por um *contrato de comunicação*.
- os **Modos de organização do discurso** que constituem os *princípios de organização* da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: ENUNCIAR, DESCREVER, CONTAR, ARGUMENTAR.
- a **Língua**, que constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem, ao mesmo tempo e de maneira consubstancial, uma *forma* e um *sentido*.
- o **Texto**, que representa o resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes (ou inconscientes) feitas pelo sujeito falante dentre as *categorias de língua* e os *Modos de organização do discurso*, em função das restrições impostas pela *Situação* (CHARAUDEAU, 2016, p. 68).

Como se vê, o texto é fruto das escolhas relacionadas ao material linguístico, por meio das categorias de língua, com base nos princípios de organização do discurso relacionados à sua finalidade discursiva, no caso deste trabalho, descrever e contar. No que tange a essas finalidades discursivas que constituem os modos de organização descritivo e narrativo, cabe

lembrar que, conforme Charadeau (2016, p. 107-109), haveria uma confusão entre os termos “descrever” e “contar”; em que um está ligado ao universo descritivo e o outro ao universo narrativo, confusão essa que teria sido estimulada pela tradição dos exercícios escolares.

De fato, pensando em nossas experiências escolares, podemos dizer que essa confusão parece ser propiciada por comandos de produções de textos do tipo “descreva suas férias” nos anos iniciais. Essa distinção entre descrever e narrar parece ser frequentemente mascarada ou não endereçada, ao transitarmos desses comandos para as redações dissertativas nos anos finais do Ensino Fundamental. Esse tipo de trajetória escolar parece contribuir para a consolidação do comportamento dos estudantes, objeto de estudo motivador deste artigo, de reproduzirem em outros gêneros textuais as marcas de abertura e fechamento, as quais viram de forma consistente em suas vivências leitoras mais intensas, com contos de fadas, durante os anos iniciais.

Com base nos componentes do ato de comunicar, Charadeau (2016) também destaca outra confusão: entre a finalidade e o modo de organização de um texto. Um texto é sempre heterogêneo, por isso, o modo de organização descritivo é dividido em três níveis diferentes: (1) o nível da situação de comunicação, definida em forma de contrato e que direciona a finalidade ao texto; (2) o nível do modo de organização do discurso, que faz uso das categorias da língua; (3) o nível do gênero do texto<sup>1</sup>, que é o responsável por capturar a finalidade do que está em jogo na situação de comunicação.

Neste ponto, é importante ressaltar que as categorias de língua não constituem um princípio de classificação de discursos nem de textos, conforme destaca Charadeau (2016, p.69). Todavia, defendemos, neste artigo, que, pedagogicamente, a indicação explícita dessas possíveis afinidades entre categorias de língua e modos discursivos nos diferentes gêneros

---

<sup>1</sup> Os textos podem ser distribuídos por meio de gêneros textuais, que seriam uma categoria diretamente relacionada ao contrato e à finalidade da situação comunicativa. Contudo, não deve haver confusão entre essa forma de distribuição e a dos modos de organização de discurso. Um único gênero pode ser composto por mais de um modo de organização de discurso e ainda de categorias de língua variadas. Neste artigo, o foco reside na relação dos modos de organização textual com as categorias de língua nos gêneros textuais conto de fadas e notícia.

textuais pode potencializar as práticas linguísticas de leitura e escrita do estudante, quando tais práticas são o foco de análise.

Em outras palavras, apesar de o emprego de certas categorias de língua não determinar uma ordem discursiva nem caracterizar um texto, o conhecimento sistematizado das estruturas gramaticais presentes nas práticas de linguagem pode ser de considerável importância para a construção do letramento linguístico (GERHARDT, 2017, p.68). Assim, poderíamos promover a tomada de consciência do estudante mais abrangente sobre as práticas linguísticas, abarcando a relação entre os níveis de análise: da categoria linguística, do modo de organização do discurso e do gênero textual.

Como o foco deste artigo é a relação entre gramática e discurso, abordemos agora o questionamento de Charaudeau (2016, p. 109) sobre o problema da relação Língua/Texto, em que o autor nos chama a atenção para o fato de haver ou não uma relação de continuidade entre as categorias da língua e as características discursivas de um texto. Sob essa lógica, a partir da acumulação das marcas de uma única categoria de língua num texto, determinaríamos um modo de discurso. A acumulação de marcas de Qualificação, por exemplo, seria atribuída ao modo Descritivo. O autor continua, indicando a existência de estudos que buscam estabelecer uma diferença entre o descritivo e o narrativo, propondo critérios de distinção com base na presença ou ausência de marcas linguísticas específicas, como a natureza semântica dos verbos (imperfectivo/ perfectivo), o uso dos tempos (não progressão da ação/ progressão da ação), a natureza semântica do agente de uma ação (não humano/ humano), a especificação dos lugares e uso de certas categorias gramaticais (adjetivos, indefinidos, apresentadores, dentre outros), em que o acúmulo representaria o descritivo.

Desse modo, chegamos à questão da natureza morfossintática dos textos. Determinados estudos apontam como característica do Modo Narrativo o emprego alternado de verbos nos tempos pretérito perfeito e pretérito imperfeito, denotando progressão da ação. Nesse caso, haveria uma hierarquização, qual seja: o perfectivo assumindo o papel de principal e o imperfectivo, o papel de secundário.

Sabemos, no entanto, que não se podem estabelecer regras imutáveis quanto à relação entre linguagem e discurso: um mesmo modo de discurso pode evocar diferentes categorias

linguísticas. Conforme ressalta Charaudeau (2016, p. 110), por exemplo, o descritivo também pode utilizar verbos de ação (marcas que se consideram, tradicionalmente, próprias ao narrativo). Nessa direção, consideramos relevante a abordagem de Hopper (1979) acerca da marcação linguística dos planos de organização do discurso na estrutura narrativa, entre o que é principal e o que é secundário, como Figura e Fundo, respectivamente.

Segundo Hopper (1979, p. 239), a marcação verbal de tempo para o plano de Fundo “sinalizam acontecimentos e estados que não estão ‘em sequência’ e que por sua inconsistência temporal não podem e não movimentam o discurso adiante”<sup>2</sup>. Por isso, o principal traço distintivo desse plano seria a “distorção” da linha do tempo. Em contraste, no plano de Figura, “a única indicação de tempo verbal necessária é uma localização convencional dos eventos sucessivos da narrativa em um panorama não real (pelo qual quero dizer ‘não sendo testemunhado no momento’)”<sup>3</sup> (HOPPER, 1979, p. 239). Esse plano seria representado, em muitas línguas, pela forma verbal pretérita ou o passado simples. Ressaltamos que as mesmas características contrastantes de Figura e Fundo quanto à inscrição no tempo foram adotadas por Charaudeau (2016, p.111) para contrastar o Descritivo e o Narrativo.

Esse contraste se manifesta de uma forma específica para os falantes do português. Quando o objetivo é dar maior relevância à situação como um todo, a escolha seria pelo aspecto perfectivo, ou seja, pelo pretérito perfeito, que representa o plano de Figura. Já quando a intenção é dar ênfase aos detalhes, o aspecto imperfectivo, isto é, o pretérito imperfeito será selecionado, representando o Fundo (ARAUJO & FREITAG, 2012, p. 61). Seguindo os resultados quantitativos da pesquisa das autoras sobre as características linguísticas observadas na análise de textos narrativos, propomos uma adaptação ao quadro

---

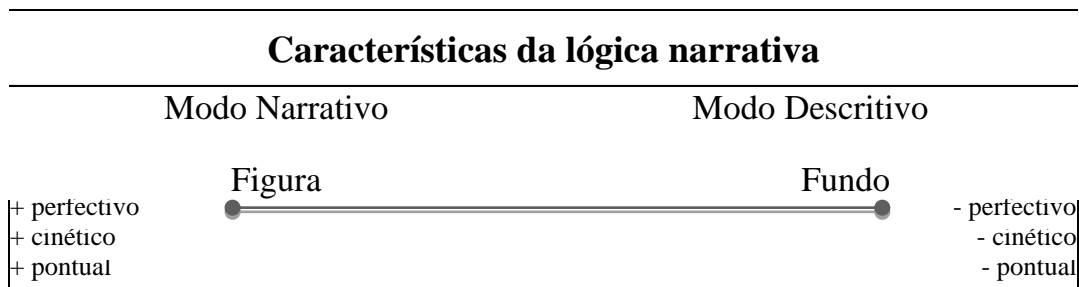
<sup>2</sup> *signal happenings and states which are not “in sequence” and which by their very temporal inconsistency cannot and do not move the discourse forward*

<sup>3</sup> *In foreground, by contrast, the only tense-indication needed is a conventional location of the successive events of the narrative in a non real (by which I mean “not currently being witnessed”) framework.*



apresentado em seu artigo para representar a proposta de traços aspectuais da narrativa, conforme Martelotta (1998 *apud* ARAUJO & FREITAG, 2012, p. 63)<sup>4</sup>:

**Quadro 1:** *Continuum* das características da lógica narrativa – Fonte: autoria nossa



Por meio desse quadro, reunimos as indicações de diferentes estudos, apontando a ocorrência de características comuns às narrativas com base nas relações de afinidade entre as categorias de língua e os modos discursivos: perfectividade, cinética e pontualidade verbal. Com base nas definições de Hopper (1979), propomos uma associação do plano de Fundo ao modo de organização Descritivo e do plano de Figura ao modo de organização Narrativo. Sabemos que a identificação dessas relações entre língua e discurso não é o suficiente para determinarmos a ordem discursiva de um texto, já que, para isso, também dependemos da situação de comunicação. No entanto, defendemos que o reconhecimento do uso dessa marcação linguística para representar os extremos do *continuum* entre os planos discursivos pode funcionar como uma estratégia de leitura, auxiliando o leitor no processo de ancorar sua atenção nos movimentos discursivos mais relevantes.

Em suma, consideramos importante que os estudantes tenham consciência de que a mera presença de certas categorias de língua não é suficiente para determinarem um modo de discurso. Todavia, acreditamos que o destaque a essas relações de afinidades pode configurar um recurso pedagógico estratégico para compreensão da existência de diferentes

<sup>4</sup> Nessa adaptação, excluímos o traço aspectual “especificidade”, que, na pesquisa de Araujo e Freitag (2012), apresentou comportamento positivo tanto no plano de Fundo quanto no de Figura. Também com base na proposta de *continuum* das autoras, excluímos a linha separando as colunas de Figura e Fundo da tabela e buscamos representá-lo pela linha pontilhada no centro da tabela. E, como contribuição nossa, associamos o modo de organização Narrativo ao plano de Figura e o modo de organização Descritivo ao plano de Fundo.

procedimentos discursivos, não sendo postos como formas rígidas e exclusivas de se organizar o discurso.

## **2. Os modos de organização descritivo e narrativo**

Nesta seção, esperamos esclarecer as semelhanças e diferenças entre o modo de organização Descritivo e o Narrativo. Inicialmente, é necessário lembrar que, conforme Charaudeau (2016, p. 111), o descritivo e o narrativo não são mais considerados textos, mas sim procedimentos discursivos, tendo grande importância para a construção do relato. Nesse sentido, enquanto o descritivo engloba as qualificações do relato; o narrativo diz respeito às funções do relato. Portanto, vale apontar que, apesar de o Descrever ser uma atividade diferente de Contar e Argumentar, todas as três atividades se complementam em um propósito único, que é dar sentido ao texto.

Dentre as principais diferenças entre o Descritivo e o Narrativo, retomamos a distribuição entre plano de Fundo e de Figura, que já detalhamos na seção anterior. De acordo com Charaudeau (2016, p. 116), o Narrativo apresenta suas ações em uma sucessividade temporal; enquanto o Descritivo não se atém a questões temporais. Por esse motivo, encontramos o presente e o imperfeito como tempos privilegiados da descrição. Em outras palavras, o descrever tem o propósito de fixar de maneira imutável lugares (Localização) e épocas (Situação), características das pessoas e dos objetos.

Percebemos, assim, a relação que se estabelece entre o Modo de organização Descritivo e o Narrativo. No primeiro, o que possui relevância é a imagem que se faz do mundo, enquanto, no segundo, a importância está nas ações que ocorrem em uma sequência temporal. No entanto, vale ressaltar que, diferentemente do que vimos na tradição escolar, o Modo Descritivo apresenta um ordenamento interno para os elementos descritivos em um texto, uns em relação aos outros, “de maneira cumulativa, hierarquizada e seguindo um certo percurso” (CHARAUDEAU, 2016, p.148), podendo todos coincidir em único texto. Considerando-se os objetivos deste artigo, o reconhecimento do que é inerente ao descrever se mostra indissociável da identificação da progressão textual, central ao narrar.

Em se tratando dos procedimentos linguísticos, temos a utilização das categorias de língua, podendo estas aparecerem combinadas, com o objetivo de atender aos componentes de organização descritiva (Nomear, Localizar-Situar, Qualificar). Como procedimentos linguísticos para Localizar-Situar, encontramos o uso de categorias de língua que (i) promovem um enquadre espaço-temporal, apresentando relatos com detalhes específicos sobre lugares e épocas ou (ii) tornam os lugares e o tempo imprecisos (em que se justifica o uso do presente e do imperfeito). Como procedimento linguístico para Qualificar, vale destacar o contraste entre (i) a acumulação de detalhes e de precisões de forma objetiva<sup>5</sup> com (ii) a utilização de analogias, por meio de termos de comparação ou transferências de sentido (metáforas e metonímias). Essas características ajudariam a produzir efeitos de realidade ou ficção.

Nesse ponto, é interessante ressaltar que, segundo Charaudeau (2016, p. 142), “começar uma história ou um relato por ‘era uma vez’ é, qualquer que seja o seguimento, produzir o efeito de conto maravilhoso”. O efeito de gênero seria gerado por procedimentos de discurso que são característicos de um gênero textual, com frases ou expressões mais ou menos estereotipadas, tornando-se, assim, signo deste gênero. A escolha do autor pelo termo ‘efeito’ demonstra a associação com a intencionalidade do escritor em criar esse enfoque de tom maravilhoso, como se observa, por exemplo, no texto “Conto de fadas para Mulheres Modernas”, de Luiz Fernando Veríssimo.

Era uma vez, numa terra muito distante, uma linda princesa, independente e cheia de autoestima que, enquanto contemplava a natureza e pensava em como o maravilhoso lago do seu castelo estava de acordo com as conformidades ecológicas, se deparou com uma rã.

Como se observa, o autor intencionalmente se apropria da estrutura tradicional do conto de fadas para construir sua paródia. Assim, o autor inclui elementos da vida moderna, mas mantendo o efeito de conto maravilhoso. No entanto, como Charaudeau (2016, p. 143)

---

<sup>5</sup> O realismo e a objetividade da notícia, neste caso, parece se referir mais à impessoalidade e ao detalhamento das marcas linguísticas. Para uma problematização desses traços no âmbito do discurso da notícia, vale a leitura de Teixeira (2016). Essa questão se relaciona também com o debate acerca do princípio da intencionalidade da narrativa, que abordamos na seção 3, apontando a relevância de uma abordagem pedagógica crítica acerca dos procedimentos ligados à motivação intencional nas notícias.

destaca, “é possível que esse efeito apareça por não conformidade, ou seja, por deslocamento das normas de descrição impostas por alguns gêneros”. Esse parece ser o caso das produções dos estudantes, que deslocam as normas de descrição dos textos dissertativos ao incluírem as marcas de abertura e fechamento típicas dos contos de fadas.

Com base nisso, destacamos que o tempo mais específico transmite um efeito de realidade, como ocorre na notícia, em que encontramos, por exemplo, expressões adverbiais específicas de tempo já no lide, como ‘na última quarta-feira’ e ‘ontem’. Já no conto de fadas, acontece o oposto: as marcações temporais são bem vagas, não permitindo uma determinação do tempo em que a ação ocorreu, como percebemos nas expressões: ‘era uma vez’ e ‘felizes para sempre’; o que atribui um efeito de ficção a este último gênero.

Portanto, o contraste entre a notícia e conto de fadas ilustra bem a aplicação desses procedimentos linguísticos para Localizar-Situar e para Qualificar. Enquanto a notícia realiza um enquadre espacial e temporal bastante preciso e objetivo, o conto de fadas se utiliza de expressões clássicas de lugar e época não específicos, como “era uma vez”, foco deste artigo, e “em um reino tão tão distante”<sup>6</sup>, com presença constante de comparações e metáforas.

Finalmente, vale destacar que o modo Descritivo não possui a função de servir ao modo Narrativo, mas sim colaborar, como uma parceria. Se, por um lado, o Narrativo, conforme veremos na próxima seção, focaliza os fatos ocorridos na história, como as ações no tempo, o Descritivo enriquece o relato, apresentando os detalhes, tais como as qualificações dos actantes. Ressaltamos, portanto, a vital importância que o modo Descritivo assume em narrativas. Desse modo, podemos reconhecer que os dois modos estão intimamente relacionados.

O modo Narrativo é tratado pela escola, tradicionalmente, sob três aspectos diferentes, de acordo com Charaudeau (2016, pp. 151-152). O primeiro aspecto a ser considerado é o que está ligado a uma prática de exercícios com o foco em descrever ou contar fatos e

---

<sup>6</sup> Vale comentar a ironia, adotada na sequência do filme “Shrek”, de nomear um reino em específico de “Tão tão distante”, assumindo caráter de substantivo próprio. Esse uso humorístico retrata bem a quebra de expectativa discursiva quanto à especificidade temporal típica de contos de fadas.

acontecimentos através da escrita e ainda por meio de uma situação de comunicação que não pode ser reconhecida pela autenticidade, por representar justamente o contrário. Nessa prática, pontos importantes são ignorados, tais como a distinção entre os termos narrativa, narração e história, assim como a compreensão da também distinção entre contar uma história/ narrar uma história; reconhecimento de narrativas 'reais' e narrativas 'inventadas'. Nesse segmento, podemos, inclusive, perceber a existência de narrativas que são completamente descritivas, outras que são histórias fictícias e, ainda, outras com maior caráter de objetividade, como resumos e relatórios.

O segundo aspecto apontado é o que diz respeito a uma classificação de textos considerados narrativos, já que “esse tipo de classificação pressupõe a ideia falsa de que um texto é sempre homogêneo, e só permite olhar seu modo de organização pelos critérios de gênero” (CHARAUDEAU, 2016, p.152). Já o terceiro aspecto exposto é o relacionado a uma pedagogia da explicação de texto, em que Charaudeau (2016, p. 152) afirma que “constrói um discurso argumentativo sobre uma narrativa literária (ou qualquer outra forma literária), discurso para o qual se exigem qualidades de estilo (quase literárias)”.

O autor continua sua crítica acerca da forma como a escola tradicionalmente trata o modo narrativo e nos esclarece que existe, assim, uma mistura de atividades discursivas, visto que não encontramos nestas atividades uma distinção entre categorias de língua, categorias de discurso e situação de comunicação. Compartilhamos de tais críticas, considerando que uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento da leitura e da escrita dos estudantes deve ser guiada pelo propósito de aguçar a visão do aluno sobre os modos de organização do discurso, extrapolando os critérios de gênero. Defendemos, ainda, que essa tomada de consciência sobre a relação entre língua e discurso seja realizada de forma associada às práticas de escrita do estudante. Dessa forma, desvia-se da mera pedagogia de classificação e explicação e aproxima-se de um ensino de gramática alinhado ao discurso, voltado para o desenvolvimento metalinguístico dos estudantes falantes/leitores/escritores da língua.

Nesse processo de valorização do olhar sobre os modos de organização do discurso, alguns pontos merecem a atenção do professor, como o tratamento da diferença existente entre narrativa e Narrativo, sendo a primeira uma totalidade que envolve o segundo – que é

um de seus componentes. A narrativa corresponderia à finalidade do contar, descrevendo ações - referentes ao modo Narrativo - e qualificações - referentes ao modo Descritivo.

Os modos Descritivo e Narrativo complementam-se; no entanto, notamos as diferenças entre ambos quando observamos o tipo de visão de mundo construída e os papéis que o sujeito que descreve ou narra exercem. Assim, a visão-construção do mundo no modo Descritivo está vinculada ao ser reconhecido e ao ser mostrado, isto é, estático. Já no modo Narrativo, esta visão-construção do mundo apresenta-se atrelada a um mundo dinâmico, “construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo” (CHARAUDEAU, 2016, p.157).

Retomando a questão motivadora deste artigo, acreditamos que o uso das marcas de abertura e fechamento como forma de demarcar o desenrolar da história pode ser gradualmente substituído pelos estudantes ao tomarem consciência dessa relação complementar entre Descritivo e Narrativo. Expandindo a consciência sobre os diferentes procedimentos discursivos disponíveis, os estudantes potencializariam suas formas de dar relevo às etapas de início, meio e fim que refletem o “desenrolar da sucessão de ações” de sua história. Observa-se que o início, o meio e o fim da narrativa são associados pelo estudante, respectivamente, à expressão 'era uma vez', ao corpo de seu texto e à expressão 'fim'. É preciso que ele tome consciência de que as etapas principais desse encadeamento progressivo para organizar a lógica discursiva da narrativa também são demarcadas a partir de outros recursos linguísticos, que representam a relação entre Descritivo e Narrativo. O trecho a seguir, que explicita a complementariedade entre os dois modos de organização quanto à visão-construção do mundo, parece esclarecer a relação entre princípio e fim típicos do Narrativo, marcados pelo 'era uma vez' e 'fim' nas produções textuais:

Eis porque pode-se dizer que o *Descritivo* organiza o mundo de maneira *taxionômica* (classificação dos seres do universo), *descontínua* (nenhuma ligação necessária entre os seres entre si nem das propriedades entre elas), e *aberta* (nem começo nem fim necessários), enquanto o *Narrativo* organiza o mundo de maneira *sucessiva e contínua*, numa lógica cuja coerência é marcada por seu próprio *fechamento* (princípio/fim) (CHARAUDEAU, 2016, p.157).

Como o modo Narrativo organizaria o mundo em uma lógica de princípio e fim, apresentando, assim, uma sucessão de acontecimentos que ocorrem obedecendo a uma linha de continuidade, a marcação de “era uma vez” e “fim” dos estudantes parece refletir uma

dificuldade de entendimento desse modo de organização do discurso. Contudo, uma análise sobre como ocorre a organização do modo Descritivo é de suma importância para identificação do Narrativo, por meio do contraste entre ambos, permitindo, assim, um entendimento de como eles se complementam na narrativa.

O modo Descritivo, por exemplo, estaria associado a uma dificuldade ou desinteresse em se fazer resumos. Visto que ele se esgota em uma manifestação descritora, princípios de fechamento não são considerados, além de não obedecer a nenhuma lógica sintática, com exceção “daquela que lhe é imposta pelo que lhe é exterior (pela margem de legibilidade)” (CHARAUDEAU, 2016, p.157). No modo Narrativo, o discurso é construído a partir de dois diferentes níveis: (i) em uma estrutura lógica, que funciona como uma “espinha dorsal narrativa” - assim chamada por Charaudeau (2016, p. 157) - uma espécie de eixo central; e (ii) em uma superfície semantizada, que, ao mesmo tempo que é dependente da primeira, funciona em parceria com ela, podendo, inclusive, modificá-la. Esse modo do discurso obedeceria a um princípio de fechamento e de lógica sintática que permitiria fazer operações de redução ou de amplificação em torno da espinha dorsal narrativa.

Como o foco de nossa análise recai sobre a lógica narrativa, cabe defini-la como “apenas uma hipótese de construção do que constitui a trama de uma história que se supõe despojada de suas particularidades semânticas, e que se julga existir fora (aquém) da configuração enunciativa” (CHARAUDEAU, 2016, p.159). É interessante, então, estabelecer um paralelo entre a “hipótese de construção que se supõe despojada de particularidades” e as inferências que se espera que um leitor estabeleça ao ouvir/ler determinado gênero textual e, do mesmo modo, saiba aplicar ao escrever um texto.

Em atenção ao fato de não haver regras que permitam aos professores ensinar aos alunos uma ordem imutável do discurso, vale destacar que nos interessa, neste artigo, aguçar a reflexão do professor para estimular o estudante, enquanto leitor, a reconhecer a organização lógico-narrativa – essa lógica acional, sucessão de ações ou espinha dorsal da narrativa – que emerge do contar em suas diversas realizações (no caso, em contos de fadas e notícias). Dessa forma, acreditamos poder contribuir para a construção de uma concepção mais profunda de estrutura lógica do texto, para que, na posição de escritores, os alunos se desvinculem da necessidade de se amparar nas marcas de abertura e fechamento de um texto. Portanto, um

trabalho pedagógico para o reconhecimento da lógica narrativa permite um trabalho de desenvolvimento metalinguístico, considerando as práticas tanto de leitura quanto de escrita.

### 3. Princípios de organização da lógica narrativa

Na seção anterior, definimos o limiar e a complementariedade entre os modos Descritivo e Narrativo. Nesta seção, considerando os objetivos específicos do artigo, exploramos os princípios de organização da lógica narrativa.

Para compreendermos melhor o modo de organização Narrativo, precisamos perceber como se dá sua progressão textual, ou seja, como se desenvolve a sucessão dos acontecimentos. Assim, ainda segundo Charaudeau (2016, p. 166), temos a lógica narrativa concebida a partir de quatro princípios: princípio de coerência, princípio de intencionalidade, princípio de encadeamento e princípio de localização. Nesta seção, focalizaremos os três primeiros princípios listados.

O princípio de coerência diz respeito à sucessão das ações propriamente dita. Com base nesse princípio, estabelecem-se os papéis narrativos de abertura e de fechamento, em que o primeiro exerce a função de origem e o segundo, a função de resultado, que pode ser positivo ou negativo.

É essa dupla função de *abertura/fechamento* que obriga a sucessão das ações a se organizar de maneira coerente em *sequência*. Em um ponto qualquer da sequência, deve-se poder compreender uma ação em função de sua *origem* (abertura) e de uma *perspectiva finalizada* (fechamento) (CHARAUDEAU, 2016, p.167).

Esse também é um ponto de grande relevância para este estudo, já que trata do reconhecimento da sequência dos acontecimentos apresentados pelo texto. Ou seja, a visualização da espinha dorsal do texto estaria diretamente relacionada à abertura e ao fechamento que dão coerência à sequência narrativa. Portanto, o reconhecimento do princípio de coerência das narrativas tem clara associação com o processo de compreensão leitora.

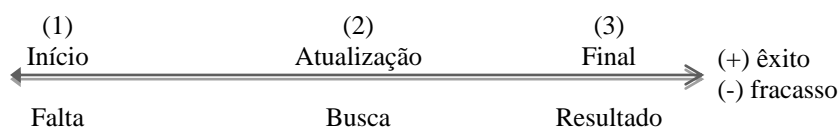
O uso que os estudantes fazem das expressões de abertura e fechamento típicas de contos de fadas na produção de gêneros textuais em que elas são consideradas inadequadas parece indicar uma constatação desses estudantes da importância da coerência da narrativa, que é determinada pelo início e pelo fim da sucessão de ações. Cabe ao professor expandir



essas esferas de leitura, para que o estudante reconheça outras organizações discursivas que demarcam abertura e fechamento das sequências narrativas.

Para tanto, é preciso entender que a abertura e o fechamento de uma sequência deve ser motivada. Isso é o que prevê o princípio de intencionalidade, que funciona de acordo com uma tríade de base, que pode ser representada da seguinte forma resumida:

**Quadro 2:** Tríade de base do princípio de intencionalidade - Fonte: Charaudeau (2016, p. 168), adaptado pelas autoras



Conforme o quadro ilustra, a tríade de base ordena toda sequência narrativa. Ela é composta por três estágios: (1) um estado inicial, do qual surge uma Falta, abrindo uma possibilidade de Busca; (2) um estado de atualização da Busca por um Objeto para suprir a Falta; (3) um estado final, com êxito ou fracasso do objeto da Busca. Esta tríade pode ser claramente identificada em contos de fadas, embora não se observe prototipicamente nas notícias.

Com base nessa explicação, resta claro que não se deve confundir intencionalidade com a função de abertura de uma sequência de ações. Enquanto o princípio da intencionalidade confere finalidade e motivação, dando sentido a uma determinada sequência de ações da narrativa, a função de abertura representa um mecanismo de ordenamento dessa sequência, sendo determinada pelo princípio de coerência. Essa é uma diferença que precisa ser compreendida pelos estudantes para se descolarem da marcação rudimentar de apenas uma marcação da função de abertura e fechamento em suas produções.

Para além das marcas linguísticas que compõem Figura e Fundo, já abordadas na primeira seção deste artigo, na lógica narrativa, os actantes executam papéis que são atrelados à ação da qual são subordinados. Em outras palavras, sua participação ocorre pela ótica da ação. Os princípios de coerência e de intencionalidade influenciam diretamente os

procedimentos que atribuem ao agente de uma sequência narrativa uma intenção ou uma falta de intenção de agir, também chamada de ausência de intenção (sendo um agente voluntário ou não voluntário). O actante pode ainda ser influenciado por outro agente (pelo uso da manipulação). Nesse caso, essa manipulação sofrida pode ser exercida por um agente humano (manipulação humana) ou por um agente não humano (manipulação sobrenatural), quando este último é possuidor de poderes desconhecidos pelo actante influenciado.

O actante é considerado voluntário quando é consciente de seu projeto de fazer, tendo responsabilidade e consciência sobre seus atos e agindo com conhecimento de causa. Charaudeau (2016, p. 176) explica que, em uma ou mais sequências narrativas, este actante pode ser o agente, podendo, também, ser ao mesmo tempo o herói da história contada. Já o actante não voluntário, como vimos, pode sofrer dois tipos diferentes de influência: manipulação humana ou manipulação sobre-humana. Nos dois casos, “o actante não tem projeto de fazer, ou não é consciente do que motiva sua ação nem das consequências desta, ou é consciente mas impotente face à influência de um outro actante” (CHARAUDEAU, 2016, p.177). O quadro 3 resume os procedimentos ligados à motivação intencional, relacionados aos princípios de coerência e de intencionalidade:

**Quadro 3:** Procedimentos ligados à motivação intencional - Fonte: Charaudeau (2016, p. 176), adaptado pelas autoras

### Motivação Intencional

Agente voluntário

Agente não voluntário

manipulação humana

manipulação de forças naturais

Acreditamos que essas diferentes perspectivas acerca da agentividade podem ser pedagogicamente relevantes por dois motivos. Em primeiro lugar, incentivar uma reflexão acerca do papel dos actantes na narrativa pode facilitar o reconhecimento do que é central à progressão textual, como o reconhecimento da motivação que levou o actante a tomar determinada decisão ou fazer determinada escolha. Em segundo lugar, a identificação da voluntariedade e da manipulação humana/sobrenatural é imprescindível para o

desenvolvimento de inferências no processo de leitura dos estudantes que permitem o reconhecimento da “espinha dorsal narrativa”, ou seja, da progressão textual dos textos em questão. Além disso, pode levar a debates interessantes num trabalho de análise de notícias em tempos atuais, desenvolvendo a leitura crítica acerca das ideologias subjacentes aos diversos veículos propagadores de notícias.

Por fim, ressaltamos que a combinação dos princípios de coerência e intencionalidade produz sequências de ações que podem ter estruturas complexas, obedecendo o princípio de encadeamento. Existem diversas formas de se encadear uma sequência, cada uma apresentando um enfoque diferente. Neste artigo, focalizamos os procedimentos ligados à cronologia e ao ritmo, que permitem uma comparação dos traços que distinguem o conto de fadas da notícia.

Os procedimentos ligados à cronologia refletem a ordem e as relações de causalidade das sequências entre si. Considerando os gêneros textuais sob análise, destacamos o encadeamento das sequências de maneira contínua, que podem ser de (i) cronologia em progressão, em que as ações se sucedem de modo progressivo e (ii) cronologia em inversão, em que a sucessão das ações é apresentada de modo invertido. Charaudeau (2016, p. 179) associa o primeiro procedimento à estrutura romanesca tradicional e a segunda, às narrativas policiais que se iniciam por um crime com posterior retorno à cadeia das causas que levaram a ele, gerando suspense.

Com base nessa classificação, observamos, nos contos de fadas, uma cronologia contínua em progressão, já que encontramos ações e sequências narrativas centralizadas por um único actante e o desenvolvimento acontece de maneira progressiva, sem nenhuma interrupção, em um encadeamento de causa e consequência. Em contraste, na notícia, observamos uma cronologia contínua em inversão, tendo a não linearidade como característica. Nesse gênero textual, as ações que representam o desfecho da sequência narrativa são antecipadas para o início do relato e, a partir desse ponto, há um retorno à cadeia das causas que provocaram esse desfecho, ou resultado. Em suma, entre os gêneros conto de fadas e notícia, evidenciamos um contraste entre os tipos de cronologia: neste, cronologia contínua em inversão e naquele, cronologia contínua em progressão.

Ainda em obediência ao princípio de encadeamento, há procedimentos quanto ao ritmo da narrativa. Conforme Charaudeau (2016, p.181) explica, “a sucessão das sequências e ações que aí se acham incluídas se desenrolam ora rapidamente, ora lentamente, ora de forma condensada, ora de forma alongada”. O ritmo possui, assim, variações que se agrupam em dois procedimentos (a condensação e a expansão).

Podemos dizer que o procedimento da condensação é empregado, quando o relato dos acontecimentos é condensado ou conciso, a sucessão dos acontecimentos aparece de forma sucinta. Já o procedimento de expansão é marcado pela interrupção narrativa do desenrolar da sequência que ocorre quando o ritmo narrativo é paralisado para que seja introduzida “uma descrição, ou uma sucessão encaixada de ações breves e rápidas, com o objetivo de produzir um efeito de cena, de atmosfera, de detalhe” (CHARAUDEAU, 2016, p. 181). Embora Charaudeau detenha sua análise a textos literários, apontando seus efeitos de cena, de atmosfera e de detalhe, defendemos que a notícia usa o procedimento da condensação em sua abertura e da expansão no seu desenvolvimento. O trecho da notícia de Heringer (2017), selecionada por Senra (2019) para sua proposta didática, ilustra esses procedimentos:

**O cantor Naldo Benny é acusado de ter agredido sua mulher, Ellen Cardoso, a Mulher Moranguinho, no último sábado, com socos, tapas, puxões de cabelo e até um golpe dado com uma garrafa.** A informação consta na denúncia do Ministério Público estadual contra o artista. Ainda segundo o documento, Naldo também ameaçou a ex-dançarina de morte. A discussão entre os dois começou após o artista pegar o celular da mulher. Nesta quinta-feira, Naldo divulgou um vídeo no qual aparece chorando, pedindo perdão à mulher pelas agressões. (grifo nosso)

Conforme se observa, o trecho retrata o contraste entre os procedimentos de condensação e expansão. No excerto destacado em negrito, há uma condensação do relato dos acontecimentos, típicos do *lide* da notícia. Em sequência, há uma expansão dessa sequência de ações, que se mantém ao longo da notícia, ainda que não seja para gerar efeitos de cena ou de caráter literário.

Finalmente, tendo em vista as diferentes comparações que estabelecemos, neste artigo, entre o conto de fadas e a notícia, encerramos esta seção com um resumo, quanto aos procedimentos linguístico-discursivos pertinentes ao modo de organização discursiva

Descritivo e Narrativo. No quadro 4, constam os traços distintivos apontados, ao longo de nossa análise linguístico-discursiva, como características típicas desses gêneros textuais.

**Quadro 4:** Procedimentos linguístico-discursivos do conto maravilhoso e da notícia - Fonte: autoria nossa

<b>Gênero Textual</b>	<b>Procedimentos linguístico-discursivos</b>			
	<b>Modo Descritivo</b>		<b>Modo Narrativo</b>	
	Localizar-Situar	Qualificar	Cronologia	Ritmo
<b>Conto de fadas</b>	genérico; impreciso	subjetivo; ficcional	linear; contínua em progressão	normal
<b>Notícia</b>	específico; detalhista	objetivo; realista	não linear; contínua em inversão	condensação > expansão

Para fins pedagógicos, esse quadro pode ser assumido como um sistema notacional para estudo de narrativas. Portanto, ele pode ser explorado de diversas formas com os estudantes. Conforme Senra (2019) indica, o uso de quadros esquemáticos e linhas do tempo mostram-se estratégias pedagógicas eficientes para dar conta dos aspectos linguístico-discursivos explorados neste artigo. Sendo assim, nesse espírito, os quatro quadros apresentados ao longo do artigo podem ser utilizados pedagogicamente, de acordo com os interesses do professor.

Para fins de leitura, o professor pode levar os alunos a preenchê-los, por meio de conversas dialógicas, incluindo as marcas linguísticas ou trechos que denotem cada uma das

características do gênero/modo de organização textual ali representadas. Para fins de escrita, os quadros podem ser preenchidos na mesma direção, porém guiando o planejamento do texto. Dessa forma, ultrapassa-se um ensino classificatório, propiciando um desenvolvimento metalinguístico, ancorado nas práticas da linguagem.

Por fim, é importante ressaltar que os quadros não representam uma amarra. Portanto, podem ser utilizados, inclusive, para refutação dessa proposta de sistematização e possível apontamento de novos procedimentos, de modo que o estudante perceba que essas características não são regras imutáveis das narrativas e que toda proposta teórica apresenta lacunas quando diante dos usos reais da língua.

### **Considerações Finais**

Este artigo surgiu do desejo de refletir sobre as possíveis contribuições que um professor pode fornecer ao desenvolvimento da escrita dos estudantes de Ensino Fundamental, tendo em vista a insistente transferência que eles realizam, da marca de abertura “era uma vez” e a de fechamento “fim”, típicas de contos de fadas, em suas produções. Daí, definimos como objetivo geral deste trabalho: discutir o ensino da organização lógica da narrativa. Para cumprir esse empreendimento, assumimos dois objetivos específicos: (1) promover uma análise pedagógica da transferência das marcas de abertura/fechamento do conto de fadas para outros gêneros textuais e (2) comparar a organização lógica da narrativa no conto de fadas e na notícia.

No que tange ao primeiro objetivo específico, destacamos a ausência do exercício de reconhecimento de informações centrais do texto como prática pedagógica, que se mostra imprescindível à formação de leitores. Essa ausência de prática se relaciona à persistência do uso de “era uma vez” e “fim” nas produções textuais dos anos finais do Ensino Fundamental.

Em nossa análise, defendemos que essas expressões são usadas pelos estudantes para indicar os principais movimentos discursivos, de abertura e fechamento, em seu texto, sendo o corpo do texto entendido por ele como uma grande e única sequência narrativa. No entanto, isso também pode ser entendido como marca de uma constatação inicial dos estudantes acerca

da importância da coerência da narrativa, que é determinada pelo início e pelo fim da sucessão de ações.

Portanto, cabe ao professor expandir essas esferas de leitura dos estudantes, para que o estudante reconheça outras configurações linguístico-discursivas que demarcam abertura e fechamento, visualizando não só a narrativa como um todo, mas sim as várias sequências narrativas que a compõem. Com isso, defendemos que o reconhecimento da organização lógica da narrativa tem papel importante no processo de reconhecimento das características do contar, especialmente, se for aprofundado pela discussão acerca do uso das marcas linguísticas de tempo, aspecto e agentividade para esse fim.

Para além do reconhecimento das características do contar, a exploração pedagógica da identificação da marcação linguística típica dos planos discursivos de Figura e Fundo pode ser apresentada aos alunos como uma estratégia de leitura. A estratégia de leitura de identificar os planos discursivos pode auxiliar o leitor a ancorar sua atenção nos movimentos discursivos mais relevantes do texto e, assim, aprimorar sua habilidade de identificar as informações mais centrais da narrativa. Para essa abordagem pedagógica, sugerimos, ainda, que a seleção dos gêneros textuais conto de fadas e notícia se revela estratégica, pois o primeiro possui as marcas de abertura e de fechamento familiares aos estudantes e o segundo, apesar de também se ancorar nos modos de organização descritivo e narrativo, possui características bem diferentes. Essa sugestão nos leva ao segundo objetivo específico.

Quanto ao segundo objetivo específico, destacamos dois pontos da análise. Apontamos que os gêneros textuais conto de fadas e notícia seriam compostos pelos modos de organização textual Descritivo e Narrativo. No que diz respeito ao modo de organização Descritivo, especificamente, aos procedimentos de Localizar-Situar-Qualificar, o conto de fadas se revela genérico, impreciso, subjetivo e ficcional, enquanto a notícia se mostra específica, detalhista, objetiva e realista. No que diz respeito ao modo de organização Narrativo, especificamente, aos procedimentos de cronologia e ritmo, o conto de fadas apresenta progressão textual linear com cronologia contínua progressiva, já a notícia, conforme nossa proposta, teria progressão textual em inversão cronológica, através dos procedimentos de condensação, no lide, e expansão, no desenvolvimento do texto.

Por fim, sugerimos o uso pedagógico dos quadros esquemáticos fornecidos neste artigo para tomada de consciência, por parte do aluno, sobre as informações centrais que compõem a espinha dorsal do texto e o entendimento dos procedimentos linguístico-discursivos característicos de cada gênero textual. Ressaltamos a importância de que esse reconhecimento seja feito com foco nas práticas de leitura e escrita dos estudantes. Desse modo, parece mais provável tanto a libertação do amparo em marcas de abertura/fechamento típicas do gênero conto de fadas na produção de outros gêneros textuais quanto a percepção da língua como sistema notacional, mas sem regras imutáveis, podendo assumir organizações diversas de acordo com o ato de comunicação e as intenções discursivas.



## Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, A.; FREITAG, R. O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual. **Signum: Estud. Ling.** Londrina, n. 15/1, p. 57-76, jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/11500/11174>. Acesso em: 17 jun 2020.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso:** modos de organização. 2 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- GERHARDT, A. O Letramento Linguístico e o Ensino de Gramática da Língua Portuguesa no Brasil. **Diadorim.** Rio de Janeiro, Revista 19, v. 2, p. 48-75, Jul-Dez. 2017. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2017.v19n2a10121>
- HERINGER, C. Naldo acusado de agredir Moranguinho com golpe dado com garrafa. **Extra,** Rio de Janeiro, 07 dez 2017. Casos de Polícia. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/naldo-acusado-de-agredir-moranguinho-com-golpe-dado-com-garrafa-22163841.html>. Acesso em: 17 jun 2020.
- HOPPER, P. Aspect and Foregrounding in Discourse. **Syntax and Semantics.** V. 12, p. 213-241, 1979.
- MARCUSCHI, L. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTELOTTA, M. **Figura e fundo:** uma proposta prática de análise. Manuscrito. 1998.
- SENRA, C. **Do Era uma Vez ao Fim:** uma Abordagem Metacognitiva da Progressão Textual no Ensino Fundamental. 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, A. Modos Narrativos de Fazer Mundos: jornalismo, ficção e verdade. **Revista Famecos.** Porto Alegre, v. 23, n. 3, set., out., nov. e dez., 2016.